



A ESCRITA DE SI COMO TÉCNICA DO CONSTITUIR-SE DOCENTE

Marina Contarini Boscarior/FEF-UNICAMP

Mario Luiz Ferrari Nunes/FEF-UNICAMP

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP)

Agência Financiadora: FAPESP - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo

marina.boscarior@yahoo.com.br; mario.nunes@fef.unicamp.br

TÍTULO EM INGLÊS

Resumo

Inspirado pela cartografia como operador metodológico de pesquisa, este trabalho propõe pensar os usos desta no estudo dos processos de subjetivação da docência ao acompanhar o ingresso de uma professora na rede pública de ensino. Os diários de bordo da docente constituíram o material empírico. Demarcamos, com isso, o procedimento adotado neste trabalho, a *escrita de si*, apresentada por Michel Foucault. Os diários trazem elementos para pensar como os discursos sobre o ser professor atravessam a docente e como se dão os processos de subjetivação nesta experiência singular. Com Foucault (2014b), pensamos a escrita como possibilidade de perceber-se e constituir-se, tomando-a como uma prática de mostrar-se, expor-se, construir a experiência de si e perceber os movimentos de assujeitamento. A partir do perceber-se, ao reler as anotações, a docente renuncia determinadas formas de poderes e assume outras. O estudo indica a possibilidade de pensar as práticas de liberdade a partir do cuidado de si e da docência por meio do ato de escrever-se, entendendo-o como forma de construção do corpo daquela que escreve.

Palavra-chave: Educação Física Escolar. Escrita de si. Prática de liberdade.

Abstract

Inspired by cartography as a methodological research operator, this paper proposes to think of its uses in processes of subjectivation's study of teaching, accompanying a teacher's entry into the public school system. The teacher's diaries compose the empirical material. We thus demarcate the procedure adopted in this work, the self-writing, presented by Michel Foucault. The diaries bring elements to think how the discourses about being a teacher go through the teacher and how the processes of subjectivation occur in this unique experience. With Foucault (2014b), we think of writing as a possibility of perceiving and constituting itself, taking it as a practice of showing itself, exposing itself, constructing the experience of oneself and perceiving the movements of subjection. On a self-undersanting, when re-reading the notes, the teacher renounces certain forms of powers and assumes others. The study indicates the possibility of thinking the will to freedom from the care of the self and the care of the teaching through the act of self-writing, understanding it as a way of building the body of the one who writes.

Keywords: Physical Education. Self Writing. Will to Freedom.



Inspirações iniciais

Este trabalho propõe pensar os usos da *escrita de si* de Michel Foucault como ferramenta de compreensão dos processos de subjetivação da docência ao acompanhar o ingresso de uma professora na rede pública de ensino. Pensamos esta ferramenta como procedimento da cartografia (Rolnik, 2016) – operador metodológico desta pesquisa. O cartografar coloca o observador/pesquisador no lugar da experiência, ao passo que o contexto da pesquisa é vivido e transformado pelo mesmo.

A professora, objeto de estudo desta pesquisa, é, também, autora, sendo o material empírico, seus diários de bordo. Demarcamos, com isso, o procedimento adotado neste trabalho. Os diários nos trazem elementos para pensar como os discursos sobre o ser professor atravessam a docente e como se dão os processos de subjetivação nesta experiência singular. Larrosa (1995) compreende a experiência de si como um processo histórico, que considera a verdade sobre o sujeito, as práticas de controle e a sua subjetividade.

A atuação da docente iniciou-se há oito meses. Durante esse período, algumas relações atravessaram sua constituição, não em termos de prática pedagógica, mas enquanto um sujeito da escola. Relações que, até então, consideramos ser: relação aluno/a-professora-aluno/a; relação professora-instituição escolar; relação professora-pares – considerado os pares como as outras professoras e a equipe da gestão.

Perpassando isso, temos a escola, uma instituição moderna a qual obedece à lógica totalizadora de representação do mundo. Dentro desse ambiente questões como: o que é ensinar, o que é aprender, o que é ser aluno, o que é ser professor, o que é corpo, o que é EF, emergem a partir da assunção de uma verdade.

Como atuar nesse cenário, potencializando outras formas de ser, escancarando e produzindo outras visões de mundo? Esta não é a pergunta a ser respondida neste texto, mas importante para localizarmos os elementos que constituem este sujeito professora.

Tratamos, o perceber-se sujeito professora no jogo de forças exercido no processo de subjetivação que, por um lado indica determinadas condições de submissão, agindo sobre os mesmos, por outro indica uma ação deles sobre eles mesmos a partir do movimento de perceber-se para cuidar-se (FOUCAULT, 2014a). A pergunta em questão é: como a docente se percebe assujeitada pelo discurso moderno do ser professora? Sendo o objetivo deste texto perceber as forças que constituem esta professora/autora por meio da ferramenta da *escrita de si*.



A escrita de si como procedimento da pesquisa cartográfica

Escócia e Tedesco (2015) discutem a construção de determinada realidade a partir de dois planos, o plano das formas, que é o plano instituído, referente às figuras já estabilizadas; e o plano das forças, que atravessam o plano das formas, assegurando as multiplicidades e construindo a realidade. A cartografia, enquanto operador metodológico de pesquisa, investiga as formas por meio do acompanhamento dos processos suscitados pelo plano das forças. Cabe ao cartógrafo(a) conhecer essa realidade a partir do processo de constante produção da mesma, atuando na transformação dessa realidade estudada.

Este estudo, ao mesmo tempo, tem um caráter autobiográfico, sendo que “a pesquisa (auto)biográfica [...] permite-nos descrever os processos de produção (*de si*) que acolhem certos estados das coisas, enquanto projeto da subjetividade e, também, eventuais processos de dessubjetivação que produzem diferença” (MOURA, 2004, 139).

Vemos, aí, uma aproximação, nesse sentido, da pesquisa cartográfica, a qual se dá por meio do acompanhar de um processo que ao mesmo tempo reconhece as relações de poder que constroem o objeto, se relaciona com o mesmo e o transforma. Sendo a docente objeto e, também, autora desse texto, o processo de transformação se dá durante todo o percurso da pesquisa e como ferramenta principal do reconhecimento dessas forças utiliza-se da escrita de si, uma das técnicas descritas por Foucault (2014b), que compõe as práticas de cuidado de si, sendo o cuidar de si um processo no qual o sujeito reconhece as forças que o constituem.

Desse modo, anunciamos que, as próximas partes deste texto, estarão em primeira pessoa do singular, demonstrando o processo de perceber-se professora por meio da escrita de si, que, caminhando com Foucault (2014b), pensamos como possibilidade de perceber-se e constituir-se, tomando-a como uma prática de mostrar-se, expor-se, construir a experiência de si e perceber os movimentos de assujeitamento.

Uma experiência de iniciação na docência

Entendo a noção de experiência a partir de Larrosa (1995, p.41), quando formula que:

a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que



definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade

A partir deste excerto, penso o processo de tornar-me docente pelo que vivi em tempos de aluna na Educação Básica (EB), no Ensino Superior (ES), e agora, que há oito meses experiencio ser professora de Educação Física (EF) em uma escola municipal para alunos(as) do ciclo I. Posso dizer que nos dois primeiros momentos indicados construí-me professora de diferentes formas, tendo, agora, ambas convivendo e tencionando as formas com as quais me constituo hoje em exercício docente. Para elucidar as ideias, falarei um pouco desses dois primeiros momentos e depois, traçarei um mapa das forças que consigo identificar neste terceiro.

O primeiro movimento de construção da docência passa por um processo de sujeição do que seria ser professora na modernidade. A tradição moderna do pensamento parte da ideia de uma unidade, na qual os elementos que constituem os sujeitos, no caso aqui, a docência, partem de uma visão totalizante de mundo.

Schöpke (2004), inspirada em Deleuze, retoma o platonismo para justificar esta questão. Para Platão o mundo é dividido em duas partes: o mundo sensível e o mundo das ideias. O primeiro é o mundo material, que percebemos pelos sentidos. O mundo das ideias é o que percebemos pelo raciocínio, para ele esse é eterno, perfeito e imutável. Já o mundo material é caracterizado pela finitude e pela imperfeição. Na lógica platônica tudo que existe no mundo sensível é cópia, representação daquilo que está no mundo das ideias. Essa formulação é considerada, por alguns autores como matriz do pensamento ocidental (SCHÖPKE, 2004). Isso ajuda a enxergar sob qual visão de mundo pertencem minhas primeiras construções do discurso do ser professora, que ainda não eram sobre mim, mas o que eu representava daqueles que passaram por mim.

Nos primeiros anos do ES, experimentei o reforçar desta visão e iniciei um outro processo, o de acúmulo de ferramentas – pedagógicas, psicológicas – que me ajudariam a cumprir esta função docente. Em um outro momento, ainda na Universidade, comecei a me atentar para a questão da experiência, como construí-la em mim e como possibilitar sua construção naqueles que seriam meus/minhas futuros/as alunos/as. Larrosa (2001) traz que a aquisição da experiência depende da exposição dos sujeitos aos acontecimentos “com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco” (p.25). E, em contraposição a isso, ele anuncia o sujeito moderno, engolido pelo tempo, pelo excesso de informações e pela incapacidade de experiência diante do fato do não poder parar para que algo aconteça e o afete, produzindo a experiência. Esta leitura, naquele momento faz com que eu comece a enxergar o sujeito dono de uma potência fora do que seria a concepção universal de



sujeito. Aparecem aqui outras formas de construir-me – sem que as descritas anteriormente deixassem de existir.

Neste período também tomo contato com o Currículo Cultural da Educação Física¹ o que irá balançar algumas concepções modernas construídas por mim, sobre o ser professora, ser estudante, sobre a escola e sobre as aulas de Educação Física, quando me deparo, principalmente, com os princípios que constroem esse currículo: Ancoragem social dos conteúdos; Justiça curricular; Descolonização do currículo; evitar o daltonismo cultural; articulação com o plano de ensino na escola em questão; e a afirmação das diferenças. A escola não serve, então, para ensinar o que é importante? Quem determina o que é importante? Quais os grupos se reconhecem nessa cultura definida como importante? Quem são essas pessoas que frequentam as escolas? Como a Educação Física atua na produção dessas pessoas? Essas eram algumas das questões que apareciam e que me fizeram ir atrás de outras leituras, outros debates.

De forma resumida, percebi, com Foucault (1993), que a sociedade cria, então, dispositivos² de controle das experiências, para a manutenção de determinadas formas de poder dentro das relações de forças estabelecidas. Assume-se assim o controle sobre as populações e seus comportamentos. Começo a questionar minhas visões sobre o sujeito, sobre as formas de organização social, entendendo-as como um processo de produção. Outros autores, como Varela e Alvarez-Uria (1992) também contribuem no debate sobre os mecanismos de manutenção de poderes criados pela instituição escolar para o controle dos corpos, expandindo os pontos de tensão do que entendia sobre o ser professor e o ser aluno.

Acessei autores da EF, como Nunes (2016), para o qual toda a prática da cultura corporal é uma prática de significação, o que indica que as relações estabelecidas entre as práticas e o mundo são passíveis a diferentes significados, considerando quem pratica, quem assiste e quem se relaciona com ela de outras formas, tencionando aquilo que eu entendia que deveria ensinar. Delineei, assim, as noções que me constituíram até o momento e me nutri de ferramentas que possibilitassem pensar outras formas de Educação e EF.

Até agora apresentei dois momentos, os quais trazem elementos da constituição de duas docências em uma docente. Como dito, há oito meses atuo como professora na EB. Neste período,

¹ Para mais, consultar Neira e Nunes (2009).

² Para Foucault (1993, p.138) “o dispositivo comporta discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, do dito e do não dito. [...] O dispositivo responde a uma urgência, tem uma função estratégica dominante”.



me deparei com algumas questões, as quais retomam elementos presentes em ambas as docências ao mesmo tempo que é construída uma outra a partir das relações estabelecidas na escola.

A experiência de escrever-se

Trago para esse texto um exercício praticado nesse período como professora na escola. Inspirada por Foucault (2014b), penso a escrita como forma de me mostrar, me expor, construir minha experiência.

Antes de estar atuando na escola como professora, mesmo acessando as leituras já citadas no item anterior, me valia de representações hegemônicas de escola, de jovem e de realidade. Desse modo, no momento em que piso no lugar no qual atuo, faço o movimento de tentar "colar" essas representações à realidade ali instaurada – o que só é permitido dado que sou assujeitada pela modernidade. Aqui, escrever-me permite compreender essa questão, enxergando essas diferentes construções de realidade.

No meu diário escrevo:

Eu sinto um amor por essas crianças, mas um ódio ao mesmo tempo que é até feio de dizer. Ainda estou tentando entender se o ódio é por mim, por querer que eles sejam quem eu quero que eles sejam, ou se é por eles mesmo, por achar que eles tenham que querer viver de outras formas, da minha forma. O que dá na mesma.

Querer que os alunos vivam da forma como eu acho que eles deveriam viver se dá no mesmo movimento de construção da concepção de sujeito, da forma como eu represento o sujeito em sociedade. Minha angústia, a partir desse excerto se dá no fato das crianças não permitirem a fixação de um modo de vida, ao mesmo tempo que elas me mostram que existem outras formas de conduzir-se além daquela representada por mim.

Em outros momentos também escrevo:

Os alunos me encantam, acredito que eles traduzam o que Larrosa (2011) entende como vida, eles querem querer, querem jogar bola, querem conversar, querem fazer o que não os deixam fazer dentro da sala, correr e gritar, mas o que será que passa? Subversão? Ou apenas um indício de que a escola os tem capturado? Capturado tanto que quando eles se sentem “livres” eles só pensam em fazer aquilo que é proibido que faça, gritar e correr.



Compreendo, aí, uma situação na qual as crianças recusam determinadas formas de poder para assumir outras, conduzindo-se, ressignificando aquilo que já havia sido significado por mim e por outros. Esses são dois exemplos que demonstram as tensões mobilizadas pelas práticas que me assujeitam, uma prática – demonstrada num primeiro momento – assujeitada pela modernidade ao mesmo tempo que é atravessada por uma prática que olha para o múltiplo, para as diferenças, para a forma como as crianças dizem querer-se conduzir.

Percebo-me no decorrer do processo a partir daquilo que sou, a partir daquilo que construí e narrei nos primeiros parágrafos desse texto. A partir também de leituras que me ajudam nesse sentido e conversas com colegas que compartilham dessas mesmas leituras. Para Foucault (2014b, p.146) “a prática de si implica leitura, pois não se poderia extrair tudo do seu próprio âmago, nem se prover por si mesmo de princípios racionais indispensáveis para conduzir-se”.

Assim, digo que a leitura, o escrever-se e o ler-se são parte de um movimento de construir-se e transformar-se. O sujeito que transcreve aquilo que lê como forma de apropriação do lido faz disso sua verdade “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em força e em sangue”, ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional” FOUCAULT, 2014b, p.149).

Penso a escrita de si, então, como prática de transformação, ao passo que a mesma escancara as forças que me constituem enquanto sujeito da docência. Estar assujeitado pelos discursos sobre o ser professor torna-nos sujeitos dentro do que é a realidade escolar, mas o que nos possibilita agir sobre nós mesmos é a assunção de que o poder³ que nos assujeita é ilegítimo (GALLO, 2017). O que quero dizer é, que ser professora na escola me constrange a uma série de elementos, mas, ao mesmo tempo me permite produzir outras formas de poder que atuem sobre a construção desse ser professora ao passo em que percebo a ilegitimidade dos poderes que me constituem.

Por outras saídas: Cuidar de si/ Cuidar da docência

Podemos pensar então que, esse poder que nos individualiza e que percebemos por meio das técnicas de si, no caso aqui a escrita, permite que tomemos decisões sobre nós mesmos sendo assim uma prática de cuidado de si e da docência.

³A partir de Gallo (2017) inspirado em Foucault, poder são formas de produção. Nenhum poder é legítimo intrinsecamente, ele se legitima a partir de seus usos e de como a verdade se manifesta dentro de uma forma de poder.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si [...], mas é também conhecimento de um número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade (FOUCAULT, 2014c, p.263).

Foucault (2014c) propõe a ética do cuidar de si quando coloca que ao compreendermos os poderes que nos constituem somos capazes de controlá-los e dominá-los praticando ainda a liberdade. O que significa que não somos escravos dos nossos desejos, que também se constituem por manifestações de poder.

Atrevo-me a dizer que ao resgatar o ser professora – dentro da lógica moderna – sendo quem ensina e garante a aprendizagem de conhecimentos universais, permito que um desejo de mundo ideal escravize minhas práticas docentes, o que para Foucault (2014c) inibe as práticas de liberdade que dependem do cuidado da minha docência. Nesse caso, impor uma visão de mundo universal torna-se uma prática tirana, um abuso do poder que impossibilita também o cuidado com o outro – *alunos/as*.

Nesse sentido, vejo a importância da escrita de si como uma técnica do cuidado de si. Ao produzir um diário, no qual narro sensações, práticas e situações que se dão na relação com os outros da escola me percebo atravessada por relações de poder, descritas de forma geral na primeira parte deste texto. A partir do perceber-me ao reler as anotações renuncio poderes que entendem o aluno dentro de uma visão universal; que entendem a Educação Física como uma prática de controle dos corpos; e que entendem nós, professoras também dentro de uma única forma de atuação. Mas ao mesmo tempo que exercito a afirmação de formas de poder que escancarem a potência do múltiplo percebo-as veladas dentro do ambiente escolar e que ao escancaradas são rapidamente capturadas.

Deixamos aqui, então, o exercício de pensar as práticas de liberdade a partir do cuidado de si e da docência por meio do ato de escrever-se entendendo-o como forma de construção do corpo daquela que escreve (2014b).

Referências

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2015.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Do governo dos vivos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014a.

_____. A Escrita de si. In: **Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c.

GALLO, S. De la arqueología como operador metodológico. In: CORTÉS, O. P., BERNAL, O. O. E (org.). **Formas y expresiones metodológicas em el último Foucault**. Tunja: Editorial UPTC, 2017.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T.T. (Org.). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NUNES, M. L. F. Afinal, o que queremos dizer com a expressão “diferença”? In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F (organizadores). **Educação Física Cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)**. Curitiba: CRV, 2016.

SCHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença** – Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

VARELA, J., ALVAREZ-URIA, F. A Maquinaria escolar. **Teoria & Educação**. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

